

Mazella — Expulsão dos jesuitas



Vejam vossorias o que eu faria se fosse o sr. marquez de Pombal ou o menino da justiça.
N. B. Agora esperem ao menos que eu desentale a perna para me entalarem com alguma querella.

Lithographia Guedes, rua do Oliveira ao Carmo, 12

ANNO IV

181

O sr. Masella

Governa em Portugal o nuncio, o monsenhor Masella, como se estivesse em sua casa, no meio dos seus famulos, sacristas e outros sacripantes. O sr. Masella, que já tem um appellido fatidico, entendeu que estavamos no tempo de D. João III, e que podia a seu sabor explorar a credulidade dos tolos, a superstição dos beatos e a fraqueza dos governos.

Fez da sua casa um estado pontificio, de que são vassallos o reino de Portugal e suas conquistas. D'ali influe na politica, domina nas consciencias timoratas, perturba o andamento dos negocios publicos e suga o mais que pôde, concedendo bullas, dispensas e a propria salvação eterna com tanto que paguem tudo por bom preço e á boca do cofre.

Não sabemos quantos governos tem consentido n'este desaforo, que não tem tido solução de continuidade desde que o sr. da Masella está em Lisboa; a verdade é que todos nas expansões da intimidade se queixam de que não podem dar um passo sem encontrarem o nuncio pela prôa.

Ora a verdadeira masella é que os governos, por attenção com meia duzia de beatos tabaqueiros e com outros tantos reaccionarios especuladores, aturem a ingerencia do nuncio nos negocios d'este paiz e não lhe mostrem o caminho da porta da rua. A verdadeira fórma da insignificancia dos governos actuaes, da sua falta de vigor moral, é que não achem modo de libertar o paiz da tutela que exerce sobre elle o delegado da curia romana, que não se contenta com o viver lautamente á nossa custa, mas ainda em cima quer considerar Portugal como paiz conquistado.

A verdadeira masella é principalmente a falta de illustração que ainda existe em Portugal e que não deixa distinguir a religião dos Masellas da religião d'aquelle Christo que corria a chique do templo para fóra os vendilhões que o maculavam com as suas traficancias.

Não seria preciso que os governos tivessem a energia de fazer aos vendilhões de bull's e mercês espirituaes o mesmo que Jesus Christo fez aos outros, se o paiz tivesse a illustração sufficiente para não engordar os golosos da nunciatura, comprando os generos que se vendem n'aquelle estabelecimento e gastando em devotas bugiarias o dinheiro que podia servir de allivio á miseria de milhares de familias. A nunciatura é o balcão sobre o qual se mercadeja com todos os escrupulos, comtanto que o fiel catholico vire os bolsos do casaco até deitar os ultimos cinco réis. Os governos dos homens novos, dos esperancosos, d'aquelles que alardeiam as suas ideias liberrimas, não se acham ainda com bastante rasão para porem cobro áquella agiotagem feita com as consciencias timoratas de alguns e com a falta de illustração do maior numero. Preferem esperar que o povo abra os olhos e convencendo-se então de que em vez de servir a Deus tem estado a engordar e locupletar os falsos apostolos, se resolve a resgatar com algum procedimento brutal a sua anterior ignorancia e a relaxação de todos os governos.

Que tal está o da rebecca !!!

Co'as eleições do Funchal
Viu-se a monarchia gaga,
Sabendo que o Arriaga
Por um triz que não esmaga,
Um seu defensor leal.

Fontes, o invicto pimpão,
Vendo um desastre tamanho,
Mostra féro sobreceño,
E com mavorcio arreganho
Caminha em passo de cão.

— Ás armas (brada feroz)
Contra os rabeios da bicha,
Que já não é lagartixa!...
A coisa já se encambicha,
Vae torta p'ra todos nós!

Bravos guerreiros vós sois;
— Um bravo é sempre um catita:
Macedinho, á tropa grita!...
Anda cá, ó Costa, apita
E chama os nossos heroes!

E mal o Costa apitou
P'ra dar fim a nossos males,
O som, por montes e valles,
Na patria do não te rales
Nobres brios acordou.

Monarchia, tremes?... Ah!
Não tremas, minha velhota:
Vê que ninguem te amarrota
Emquanto do barco a escota
Seja do Fontes. Olá!

Amamos-te todos nós;
Não receies a borrasca:
Tu não podes dar á casca...
Nem ha quem tire uma lasca
Ao throno de teus avós.

A hydra feia quiz-se erguer
Do throno contra o caruncho?...
— Manda correl-a a zarguncho...
Agora, emquanto ao ferruncho,
Tem paciencia... é roer.

THEATROS

Recreios

Todos os escriptos de Zola teem um sabor pronunciado, extraordinario, unico. Ao lêl-os e, sobretudo, ao ouvil-os declamar, experimentamos como que uns arrepios intermittentes que se nos estendem ao longo do dorso, contrangendo-nos as caretas extravagantes.

É assim que a *Thereza Raquin* nos devia produzir por vezes o effeito das capsulas do mesmo nome, no momento da deglutição...

Mas a peça de Zola, filtrada pelos labios de Lucinda Simões e de Furtado Coelho perde todos os laivos de impureza e de acrimonia e torna-se doce como um favo de mel e pura como a cera do mesmo favo antes da cresta das colmeias.

D. Maria

E' na noite de 18 a festa artistica de Brazão; o distinctissimo actor vae fazer o *Othello* de Shakespeare, para o que terá de pintar-se de preto. Como homenagem para com o notavel artista, o sr. Vaz Preto já encommendou uma friza e dois logares de platéa para alojar o partido constituinte e meia Lisboa anda-se pintando para alcançar bilhetes, mas desconfiamos que ficam todos pintados... O sr. Fontes e o sr. conde de Mesquitella são duas pessoas a quem isso hade fatalmente acontecer...

Quando igual sorte nos espere, não deixaremos com-tudo de enviar a Brazão um bravo entusiastico — e uma caixa de pós de sapatos.

Colchêa (pedida)

A esposa do barão — tal
Não é fidalga na lingua.

GLOSA

Pesa tanto como val,
É realmente distincta,
Quando se estuca e se pinta.
A esposa do barão — tal:
Por seu merito real
Entre mil damas distingo-a;
Mas se, de phrases á mingua,
Emprega as regateiras,
É porque, sendo-o no mais,
Não é fidalga na lingua.

-46-

Mucio Teixeira é poeta e poeta de costa acima. Com bem razão poderia elle dizer de si mesmo:

Eu sinto dentro d'alma o ardor intenso
Da vasta inspiração!
Lateja-me no peito um fogo immenso,
Qual lava n'um vulcão!

Tenho a lyra de Apollo, o dom dos ceus,
Apanagio do espirito que cré,
Que em vãos o ceu alcança,
Que não se prende á terra, scisma em Deus!
Mas o talento, o amor, a crença, a fé,
São toda a minha herança!...

Mas não disse, felizmente para elle... Se o fizera, não lhe deveriamos por certo o primoroso volume de versos que aqui temos diante de nós, — *Prismas e Vibrações* — de que damos no *Antonio Maria*, um pequeno retalho tirado ao acaso — e tanto ao acaso que só a um equívoco do typographo se deve a composição do que vem publicado, visto como fôra outra poesia, que nós marcáramos no volume que mandámos para a imprensa.
Mas leiam os versos.

Memorias de um sachristão

I

ABRIL. — Um baptizado. — Bello dia!
A creança nasceu em boa hora.
Por ser mulher, chamaram-n'a Maria.
E' a cara da mãe, — encantadora!
Respingam-lhe agua-benta; junto á pia
Sorriem todos e a creança chora...
Um homem, embuçado, mudo e serio,
Olha de longe: aqui anda mysterio...

II

Chegam de braços dados, bem vestidos,
O noivo — um rapagão, a noiva — bella,
(Serão na alma, como em corpo, unidos?)
Testemunhas, da noiva — uns primos d'ella
E do noivo umas primas. Concluidos
Os juramentos d'elle e da donzella,
A mulher com uns primos vae sahindo...
Vae o marido as primas conduzindo...

III

Um enterro. — Ditosa criatura!
Mataram-n'o ou morreu? 'ludo é incerto.
A sós estamos, sachristão e cura.
Nem um amigo do cadaver perto!...
Nascer para morrer... grande loucura!
Não dobra o sino. O templo está deserto.
Deixo ao morto uma véla e fecho a porta.
Nascer, amar, morrer; depois... que importa?!...

Rio — 1880.

Como eu quebrei ser banco

Historia do meu dia de S. Martinho, dedicada aos leitores em geral e particular aos amigos que me perguntam como o caso succedeu.



Capitulo I. — Eram dez horas da manhã do dia de S. Martinho, abri um olho,

depois outro, depois... não abri mais nenhum. Acordei.



Cap. II. — Apesar de se dizer que até na cama se quebram as pernas, eu deitei as pernas para fora da roupa sãs, escorreguei, mimosas, rechumchudas e inteiras, como passo a mostrar-lhes, sem offensa do pudor.



Cap. III. — Por um palpito inexplicavel, por um baque do coração, escorreguei da cama para dentro de uma banheira, e com uma esponja e um sabonete comecei zás—



zás — zás a puxar o lustro aos membros locomotores. E digam que não ha pressentimentos! Se reservo a lavagem para o dia seguinte, já no dia de S. Martinho não podia quebrar uma perna com todo o acio.

Cap. IV. — Emfim, depois de esfregado, descascado e desencardido, almocei patriar-



chalmente, e sahi n'este lirorismo de cuja elegancia lhes dou uma pequenina amostra.



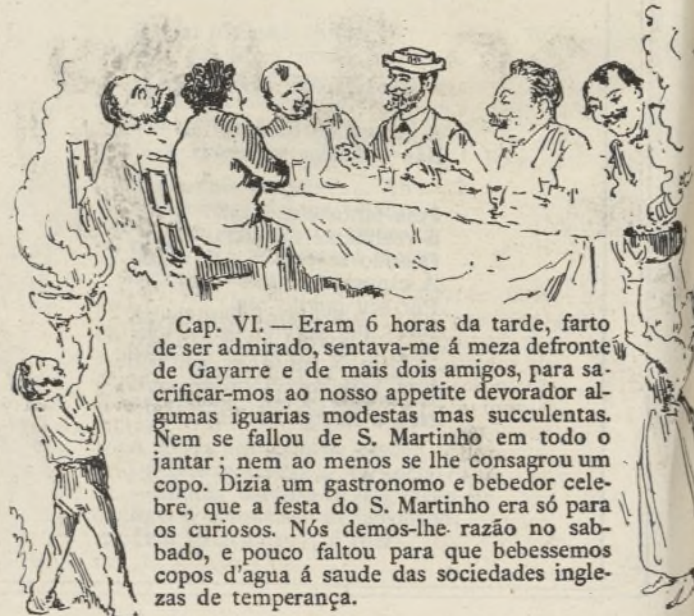
Cap. V. — No Chiado era mais a mim,



mais a mim. Os lojistas chegavam ás por-



tas; as damas deitavam os narizes de fora da janella. Era talvez o cheiro desusado do sabonete que attrahia as atenções.

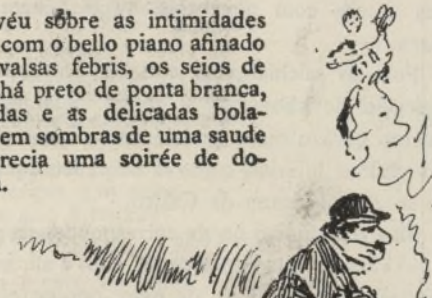


Cap. VI. — Eram 6 horas da tarde, farto de ser admirado, sentava-me á meza defronte de Gayarre e de mais dois amigos, para sacrificar-mos ao nosso appetite devorador algumas iguarias modestas mas succulentas. Nem se fallou de S. Martinho em todo o jantar; nem ao menos se lhe consagrou um copo. Dizia um gastrono e bebedor celebre, que a festa do S. Martinho era só para os curiosos. Nós demos-lhe razão no sabado, e pouco faltou para que bebessemos copos d'agua á saude das sociedades inglezas de temperança.



Cap. VII. — Esperava-nos á noite um sa-rau.

Lancemos um véu sobre as intimidades do lar domestico, com o bello piano afinado d'aquelle dia, as valsas febris, os seios de jaspe, o delicioso chá preto de ponta branca, as luzentes torradas e as delicadas bolachinhas inglezas. Nem sombras de uma saude a S. Martinho. Parecia uma soirée de domingo de Paschoa.



Cap. VIII. — Perdida a minha elegancia nas sombras da noite, resolvi-me a vestir o casaco, a pôr o cache-nez e a dirigir-me na companhia de dois amigos para o meu lar domestico.



Cap. IX. — Á porta da rua foram cruéis as despedidas — Adeusinho! — Obrigado por



este bocadinho. — Aparece amanhã mais cedo para conversarmos mais, etc.



Cap. X. — Metti a chave á porta, entrei no patamar...
— Queres um phosphoro, menino?
— Olha, vê lá não caias, como D. Brites.



— Caio, sim... e zás.

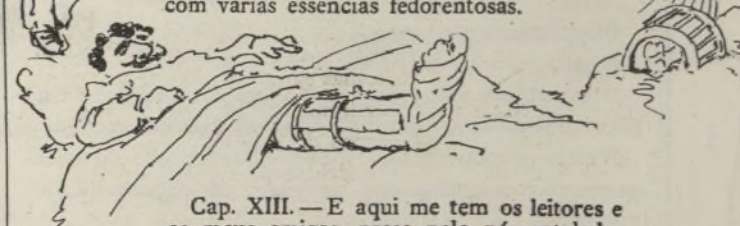


Cap. XI. — Foi então que os dois amigos perceberam que eu era um homem de peso. Quando me levantaram e carregaram comigo ás costas eu logo percebi que tinha uma perna partida. Apesar da minha natural modestia, é preciso fazer justiça á minha natural esperteza; tinha descoberto que partira uma perna.



Cap. XII. — Vi-me de repente rodeado de medicos. Cheguei a suppor que o meu caso seria como o da sr.^a Pasqua, porque alguns dos medicos que me apalpam foram os mesmos que a apalpam a ella. Averiguou-se que não estava no periodo cathamenial. Puzeram-me o aparelho. Que dores! Foi então que eu percebi o allivio que sentem os que atiram com o aparelho ao ar.

Felizmente o pé estava lavadinho d'aquelle dia. Mas os doutores parece que não se contentaram com isso porque mandaram que me regassem o pé de quando em quando com varias essencias fedorentosas.



Cap. XIII. — E aqui me tem os leitores e os meus amigos, preso pelo pé, entalado, sem poder ouvir o Gayarre, e tudo isto, talvez em castigo de ter ceiado chá e torradas em noite de S. Martinho!!

Moralidade

Aprendam n'estas lições,
Que são verdades eternas,
Que é bom lavar os presuntos
P'ra poder partir as pernas.

APRENDAM POR ELLOS O INCIEN-
to da pé.

A SEMANA

Vae terrivelmente borrascosa esta maldita semana!

Em primeiro logar começou no dia 12... Um dia medonho... Atmospha turvada lá por cima e cá por baixo. Acusava-se a tempestade tanto no observatorio de D. Luiz como na adega do sr. Quintão. Sentia-se ainda o effeito da trovoada da vespera; tinha caído muita agua; — muita agua e muito vinho... Finalmente: começou em dia de S. Martinho Rapa — nem mais nem menos!

Depois, seguiu-se o dia 13.

O dia 13!! — Vão tomando nota.

E logo atraz veiu uma terça feira!!!

Ora vejam que enfiada de enguiços...

Pois é sob estes brilhantes auspícios que nós temos que escrever a chronica.

E que a chronica, santo Deus!

Uma chronica immensa, infinita, de dez quartos de papel de embrulho; uma chronica que vae fazer com que todos os discursos do sr. Adriano Machado se mordam de inveja — se não lhes pozerem um açaimo...

Uma chronica com o Bordallo na cama, de perninha, ligado, enrodilhado, besuntado!

Uma chronica sem o sr. Fontes em acção.

E com o sr. Hintze em treguas.

E o parlamento ainda fechado.

E as batotas outra vez abertas.

Uma chronica erma; sem ponta por onde se lhe pegue; completamente nua...

Uma chronica frontão!

Conta-se que um grande escriptor francez, a quem os editores pagavam a franco por linha, se soccorria do expediente do dialogo, temperado da seguinte forma:

— «Conclua, senhor!

— Já conclui.

— Mas disse...

— ...

— Infame!

— Ah!

— Eh!

— Ih!

— Oh!

— Uh!

Bradaram os assistentes»...

E salta para cá onze francos...

O expediente é engenhoso mas para nos servimos d'elle faltam-nos dois requisitos: ser francez... e grande escriptor.

N'estas circumstancias teremos de lançar mão do unico assumpto momentoso que se debate nas paginas da imprensa.

É um assumpto porco, muito porco, porquissimo, que não falla senão de porcos, que não trata senão de porcos; uma verdadeira porcaria, em que não temos remedio senão metter o bedelho...

O *Diario de Noticias* concedeu-lhe um logar honroso na sua primeira columna, a dos *assumptos do dia*, e nós não podemos regatear-lhe igual distincção. O artigo não é

da redacção do *Diario de Noticias*; vem firmado pelas iniciaes F A, que é a clave para o diapasão de baixo — o sr. De Reszké, pelo menos, não canta por outra...

Mas vamos ao artigo.

— «Eu desejaria (escreve o correspondente) eu desejaria que se perguntasse aos srs. salchicheiros quanto lhes rende a carne e pedaços de toicinho, de que elles fazem aquellos saccoes com pimentão, a que chamam *chouriço de carne*?»

Pois os salchicheiros que lhe respondam, porque esta questão de chouriços é muito melindrosa, e d'um momento para o outro póde inflammarse, irritar-se e cuspir as ultimas injurias, como já succedeu aqui ha tempos com o sr. José Luciano de Castro.

Mas reatemos o fio da correspondencia:

— «Sendo esta carne tirada aqui e ali, nas pernas e mais partes do porco, livre de osso, porque este lá fica para o freguez o levar...»

Isso é facto vulgarissimo cá na terra; em quanto os *Topa a Tudo & Companhia* saboreiam regaladamente o beef dos syndicatos entretêm-se o paiz a roer no osso das contribuições. Até chega uma pessoa a convencer-se de que não seja original portuguez o proloquio popular: *Quem te comeu a carne que te rão o osso*...

Prosigamos.

— «Quanto lhe rende o sal (continua o signatário) o sal que elles teem a curiosidade de applicar em grande quantidade nos golpes do toicinho, costelletes, carne entremuada, etc.»

Isso foi tempo, meu amigo; depois do ultimo imposto com que o sr. Fontes beneficiou aquelle genero, os donos das salinas é que praticam o dolo de applicar em grande quantidade toicinho, costelletes, carne entremuada e etc. nas canastras de sal, afim de lhe acudirem ao peso.

Para esta fraude é que nós chamamos a attenção dos poderes publicos...

Continua o correspondente:

— «Se fosse verdade, sr. redactor, na epocha actual elles venderem cabeça e chispe a 200 réis, afianço-lhe que eu, com toda a certeza, comia todas as semanas pelo menos tres dias, chispe e cabeça, um dia com feijões só, outro com ervas e o outro com uma e outra coisa.»

Isso não era mais de que uma imitação do rancho fornecido ao *Fritz* da *Gran Duqueza*:

Um dia grão, outro arroz, e aos domingos, para variar, grão com arroz...

Mas, voltando ao chispe, se o signatário da correspondencia quer comer chispe gordo, bom, succulento, bem chamuscado, e a trinta réis o kilo, dê-se ao incommodo de vir ao meu estabelecimento, que eu ponho á sua disposição o chispe do Bordallo...

N. B. Cabeça, chouriço e miudezas não se vende...

PAN.

Carta particular

Veu-me ás mãos uma carta
Embrulhando uma encommenda,
Que o meu moço de recados
Me trouxe agora da tenda.

N'esse papel, que embrulhava
Trinta grammas de toicinho,
Via-se impresso em relevo
Um monogramma ao cantinho.

Reparei nos caracteres,
Elegantes, bem lançados;
Eram só tres: R. A. P.,
Mutuamente entrelaçados.

Se bem que aquella missiva
Não fosse escripta p'ra mim,
Li-a toda de alto a baixo;
A carta resava assim:

Meu presado e caro principe:
Muito estimo que estas linhas
O encontrem bom de saude,
Co'as suas trinta velhinhas.

Que gose eternas venturas
Em companhia dos seus,
Pois a minha ao fazer d'esta
É boa graças a Deus.

Conforme tinha ajustado
Co'o Luciano, o meu socio,
Mando-lhe a conta dos gastos
Que eu fiz n'aquelle negocio.

Cinco tostões de estampilhas
P'ra cartas aos meus amigos,
Um pataco de aguardente
E trinta e cinco de figos.

(Estas ultimas despezas
Dos figos e da aguardente,
Foram feitas p'ra amansar
Um eleitor renitente)

Mais tres vintens dispendidos
Na barba, se não me engano,
Uma de doze ao sacrista,
Mei' tostão de americano.

Com mais trezentos e quinze
Ao galopim de serviço,
Prefaz a conta redonda
De dez tostões. — Não é isso ?...

Mande-me as duas carinhas
Sem prolongada detença,
Que o desembolso, confesso,
Vae-me fazendo diff'rença...

Não se esquive ao pagamento
Com subterfugios nem petas...
Aliás no parlamento
Posso passar-lhe as palhetas...

Espero esteja sciente
De tudo que fica dito...
Lisboa dez de novembro,
Rodrigo Affonso Pequito.

PAN.

Que inveja!...

(A BORDALLO PINHEIRO

Vejo-te em val' de lençóes,
De cataplasmas replecto,
Co'os olhos fictos no tecto,
Sem movimento... p'ra ahí...
Vejo-te um casa mettido,
Fechado a sete ferrolhos,
E quando em ti ponho os olhos
Eu tenho inveja de ti!...

Deitas-te ao longo da cama,
Co'as espadas recostadas
Sobre fofas almofadas
De farta lá hespanhola.
Tens o aspecto de saude
Nas faces cõr de morango,
E o teu caldinho de frango
Deita um cheiro que consola...

P'ra te vêr, ligeiro accode
O jornalismo em cardume;
O Ramalho dá-te lume,
O Vidal traz-te bonecas,
A Guiomar manda-te a casa
O Almanach das Senhoras,
E o Castilho passa as horas
A fazer-te cafonecas!...

Sobre o estado da doença
Dá Ordaz o seu par'cer,
Ennes faz, p'ra te entreter
Berenico serenico;
Gervasio rega-te a perna
Co'uma exquisita mixtella,
Como quem rega á janella
Um vaso de mangerico.

Batalha Reis faz-te a barba,
Aça tambem te acompanha,
Dá-te beijos Brito Aranha
Traz-te amendoas o Navarro;
Moura Cabral dá-te ajudas
P'ra mudar's de posição,
E o Ruy Barbo do Pimpão
É quem te embrulha o cigarro.

Pinheiro Chagas anima-te
Com palavras e caricias
E o Coelho do Noticias
Faz-te o laço da gravata,
Sousa Martins recommenda-te
Que na cama não te mexas,
Afagando-te as bochechas
Com doce bichinha gata...

N'esse estado em que te encontras
Es feliz como o diabo;
Pareces rico nababo
Em rico salão octog'no.
Passas o dia em descanso,
Sempre alegre e divertido,
Estatelado ao comprido
Sobre o teu leito de mogno!

Tens um bello cavallete,
P'ra que assim desenhar possas,
Onde os bonecos esboças
Quando te apraz desenhar.
Pareces feliz monarcha
Que não trabalha nem fida
E que vae ganhando a vida
Sempre de papo para o ar...

PAN.

Cá e lá más fadas ha.



Ultimos figurinos de contribuintes -

(extrahidos de *El Motin de Madrid*).